

EDITORIAL

Ciência no pós-pandemia

No momento em que construo esse texto a pandemia ainda não acabou, ainda temos seguramente pela frente algum tempo de luta. A vacinação avança, mas ainda temos um importante contingente populacional a imunizar no país, os casos novos chegam ainda ao número de algumas dezenas de milhares ao dia. Há um declínio feliz e evidente do número de óbitos, efeito já observável de uma vacinação completa das vítimas preferenciais da COVID-19, idosos e profissionais de saúde. Por outro lado, o vírus se diversifica. Ainda assim, a menos que a variante de preocupação Delta que começa a se alastrar pelo Brasil construa um novo caminho de dor e sofrimento, uma expansão rápida e adequada do processo de imunização pode construir, mantida a cautela, o caminho para um reencontro da normalidade esperada no início de 2022. Mas e depois, qual o legado do SARS-CoV-2, nos pacientes, na pesquisa, na formação de recursos humanos para investigação científica na área da Saúde?

A ciência tem sido fundamental no enfrentamento da pandemia. Seja no dia-a-dia da informação qualificada à sociedade e para composição das políticas públicas, no diagnóstico de rotina e na vigilância genômica, no estudo da doença, imunologia e terapêutica, até o desenvolvimento, teste e acompanhamento da performance das vacinas, a atuação de cientistas é o que há de fundamental e está nos permitindo enxergar agora, ainda de que de forma tênue, a luz no fim do túnel. A assessoria de ciência da administração Biden nos Estados Unidos já acena como ponto prioritário que é preciso que se aprenda com este processo: só tivemos alguma chance de construção de esperança no prazo exíguo em que o fizemos, por conta de um investimento continuado em investigação científica e tecnológica nos países desenvolvidos. Mas e no caso brasileiro? Não nos faltam pesquisadores de talento, nos falta justamente recurso financeiro continuado. Vamos passar por este desafio, mas estaremos preparados para o futuro? A comunidade científica clama para que não fiquemos presos ao ciclo de instabilidade em que construímos conhecimento no país.

Nesse sentido, é patente apontar algumas prioridades de objetos de pesquisa também. Não há dúvida que precisamos seguir pesquisando naqueles temas fundamentais elencados desde o princípio, indo de ferramentas diagnósticas a estudos sobre a biologia do SARS-CoV-2. Mas há outro legado da pandemia sobre o qual precisaremos nos debruçar – e receber apoio para tanto – os possíveis efeitos da COVID-19 a longo prazo. Há já um sem número de evidências acerca de efeitos tardios do vírus sobre diferentes sistemas orgânicos, incluindo danos aos pulmões, aparelho circulatório, distúrbios da coagulação, impactos sobre o sistema nervoso e outros agravos à saúde. Também aí se abre uma avenida importante de investigação na área da saúde e mais que tudo, de

formação de recursos humanos qualificados. Que tenhamos força, energia e recursos financeiros para continuarmos esse enfrentamento pelo tempo que for necessário, dando à sociedade o que temos de melhor.

Fernando Rosado Spilki

Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão
Universidade FEEVALE, Novo Hamburgo, RS, Brasil